



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PEDAGOGIA/ APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

GRAZIELLY FERNANDA DA SILVA ALVES
ROSELY ANDRÉ DE MELO MIGUEL

**UM OLHAR PARA O ENSINO DA LEITURA NO 1º E 2º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL DA ESCOLA REGINALDO CLAUDINO DE SALES**

JOÃO PESSOA
2015

GRAZIELLY FERNANDA DA SILVA ALVES

ROSELY ANDRÉ DE MELO MIGUEL

**UM OLHAR PARA O ENSINO DA LEITURA NO 1º E 2º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL DA ESCOLA REGINALDO CLAUDINO DE SALES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado junto ao Curso de
Pedagogia do Campo da Universidade
Federal da Paraíba, como parte dos
requisitos para obtenção da Graduação
na área da Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dr. Marineuma de
Oliveira Costa Cavalcanti.

**JOÃO PESSOA
2015**

**GRAZIELLY FERNANDA DA SILVA ALVES
ROSELY ANDRÉ DE MELO MIGUEL**

**UM OLHAR PARA O ENSINO DA LEITURA NO 1º E 2º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL DA ESCOLA REGINALDO CLAUDINO DE SALES**

.

APROVADO EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marineuma de Oliveira - UFPB
(Orientadora)

Prof. Maria do Socorro Xavier Batista - UFPB
(Professora Examinadora)

Prof. Fabio Fonseca – UFPB
(Professor TCC)

**JOÃO PESSOA – PB
2015**

A474o Alves, Grazielly Fernanda da Silva.

**Um olhar para o ensino da leitura no 1º e 2º ano do ensino fundamental da Escola Reginaldo Claudino de Sales / Grazielly Fernanda da Silva Alves, Rosely André de Melo Miguel. – João Pessoa: UFPB, 2015.
63f. ; il.**

**Orientador: Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti
Monografia (graduação em Pedagogia) – UFPB/CE**

**1. Leitura. 2. Letramento. 3. Gêneros literários narrativos. I.
Miguel, Rosely André de Melo. II. Título.**

UFPB/CE/BS

CDU: 028 (043.2)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus que me proporcionou chegar até aqui.

Aos meus pais: Antônio Honorato de Melo (in memoriam) e Rosilda André de Melo, que foram meus principais educadores, ao longo da minha vida.

Ao meu esposo José Márcio Miguel, que me incentivou nos momentos mais difíceis.

Ao meu filho Davi, que com seu sorriso iluminava meus caminhos.

A toda a minha família, irmãos e irmãs e a minha cunhada Maria José, que me deu apoio quando pensei em desistir.

A minha companheira de Trabalho Grazielly Fernanda, que sempre me estimulou em todas as ocasiões surgidas no decorrer do trabalho.

E aos meus professores, que foram meus principais modelos de educação.

Rosely André de Melo Miguel

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus. Pois tudo que acontece em minha vida é para honra e glória dele. Agradeço também a minha mãe Maria de Lourdes que muito me ajudou até hoje me dando carinho e mesmo não expressando em palavras mas, em seu olhar e dedicação com minha falta de tempo a mesma me garantia toda acomodação e cuidado. A meu PAI Valdeci do Monte Alves (em memória) que acompanhou minha trajetória inicial no curso mas infelizmente por ironia do destino se foi antes mesmo de me ver formada.

Ao meu amigo, namorado e noivo Anderson Lima, que com toda sua paciência me incentivou a chegar até aqui, obrigado amor!

Agradeço as minhas amigas mais próximas Andrea Patrício, Kallyna Karen, minha irmã Marcia Fernanda por ser pessoas especiais que sempre me dava uma palavra amiga nos momentos mais difíceis.

A Thaisy Dantas, que iniciou comigo desde os tempos de cursinho para juntas, uma apoiando a outra conseguimos concluir essa jornada, e deu certo né amiga? Que sempre seja assim para podermos partilhar de mais acontecimentos bons em nossas vidas.

Agradeço aos professores que no decorrer desses cinco anos e meio aprimoraram meus conhecimentos e me abriram um leque de oportunidades, saindo da universidade com desejo de buscar mais fontes de conhecimentos, me despertando para um mundo de pesquisas e novos horizontes em termos de aprendizagem.

E por fim agradeço a minha companheira de trabalho Rosely André, obrigado por toda compreensão que você teve pois passamos por muitos momentos juntas nesses últimos seis meses de trabalho, e Deus colocou você em minha vida para somar e foi isso que você fez somou felicidade, tristeza, alegria, ansiedade enfim um misto de sentimentos que só sabe quem passa por esse mundo novo de aprendizados e conquistas.

Muito obrigado a todos por terem feito parte dessa etapa da minha vida, e por fazer eu me sentir tão especial. Posso dizer que saio com a sensação de dever cumprido e com a imensa satisfação de ter conseguido mais essa vitória!

Grazielly Fernanda da Silva Alves

“Ler é viajar - na emoção, na curiosidade, no conhecimento, na aprendizagem, no prazer... Ler é produzir sentido... para si, para o mundo, para a vida”.

Michelli (2012, p. 1-14).

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta algumas reflexões e análises sobre o processo de ensino de leitura na escola, e tem como base a importância da leitura para os sujeitos, como instrumento que possibilita uma gama de desenvolvimentos para o leitor: a criatividade, a imaginação, o conhecimento, o domínio da escrita, tanto no contexto escolar, quanto no meio social. O aporte teórico para a nossa pesquisa foi fundamentado em propostas de leitura que despertem o desejo e o prazer para essa atividade, que, muitas vezes, é mal apresentada aos alunos, e vista, em algumas situações, como enfadonha, chata e desestimulante. Para desfazer esse estereótipo negativo acerca da leitura, é que propomos a utilização da leitura e de algumas metodologias no espaço escolar que contemplem o letramento, ou seja, a leitura no seu sentido prático, necessário no nosso cotidiano. Apresentamos, também, os gêneros textuais literários narrativos como suporte de leituras agradáveis, incentivantes e que proporcionam ao leitor “viajar sem sair do lugar”.

Palavras-chave: Leitura, Letramento, Gêneros literários narrativos.

ABSTRACT

This monograph presents some thoughts and analysis on the teaching process of reading at school, and was based on the importance of reading to the subject, as an instrument that makes possible a range of developments for the reader: creativity, imagination, knowledge, the field of writing, both in the school context, and in the social environment. The theoretical contribution to our research was based on proposals that awaken the desire and pleasure for that activity, which often is poorly presented to students, and with a view to, in some situations, such as boring, tedious and uninspiring. To undo this negative stereotype about the reading, we propose the use of reading and a few methodologies in the school space to behold the literacy, in other words, the reading in its practicality, necessary in our daily life. Presented too, the textual narrative literary genres as enjoyable reading support, incitement and providing the reader with "travelling without moving".

Keywords: Reading, Literacy, Narrative literary genres.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1-LEITURA

1.1 CONCEPÇÕES DE LEITURA

1.2 ESTRATÉGIAS DE LEITURA

1.3 ENSINO DE LEITURA

2- LETRAMENTO LITERÁRIO

2.1 LITERATURA INFANTIL

2.2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

2.3 GÊNEROS LITERÁRIOS NARRATIVOS

3- ANÁLISE

3.1 EDUCAÇÃO DO CAMPO

3.2 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA: NO CONTEXTO DA ESCOLA
REGINALDO CLAUDINO DE SALES.

4. CONCLUSÃO

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso demonstra uma pesquisa realizada sobre o ensino de leitura na educação infantil. O mesmo nasceu da necessidade de buscar ideias para desenvolver nas crianças a capacidade verbal que a leitura nos traz, pois é um instrumento de extrema importância na construção do conhecimento do educando. A escolha pelo tema específico ocorreu por achar essencial a discussão da leitura na Educação inicial do ensino Fundamental para formação da criança, buscando investigar sua contribuição no desenvolvimento social, emocional e cognitivo do educando e para isso procuramos analisar a prática da literatura infantil em sala de aula, para construção de leitores competentes.

Atualmente, um dos grandes desafios enfrentados na área de educação infantil é o de conseguir proporcionar em sala de aula, uma prática pedagógica que atenda às necessidades das crianças que estão “vivendo” o processo de aquisição de leitura e da escrita. Diante disso, a escola busca conhecer e desenvolver na criança as competências da leitura e da escrita e como a literatura infantil pode influenciar de maneira positiva nesse processo.

Freire (1989, p.58) ressalta que: “Na etapa da alfabetização, o que se pretende não é ainda uma compreensão profunda da realidade que se está analisando, mas desenvolver aquela posição curiosa”, cabendo ao professor fomentar a capacidade crítica dos educandos como sujeitos detentores de conhecimento dispostos a expandir sua aprendizagem.

Nessa direção, procuramos realizar o presente estudo em uma escola do campo no município do Conde PB, mais precisamente no Assentamento “Dona Antônia”, que fica localizado a 26,4 km de João Pessoa. A escola possui seis salas de aula, uma cozinha sem refeitório, uma diretoria e um espaço só para a biblioteca, as aulas de judô, o armazenamento de materiais de limpeza e a computação, que funciona com computadores emprestados da associação dos moradores da comunidade, em que os mesmos não funcionam por falta de internet e senha para ligá-los. A escola não possui nenhum ambiente ou ginásio para recreação, apenas o pátio coberto entre as salas de aula. Apesar de a infraestrutura ser precária, podemos afirmar que a escola é muito procurada pela comunidade por ter uma gestão presente e envolvida com os problemas daquela região.

Escolhemos essa escola por estar situada em um assentamento na zona rural e por desenvolver projetos de leitura que envolve a comunidade escolar em parceria com uma ONG denominada Associação Educativa Livro em Roda, que tem

como objetivo democratizar o acesso ao livro e incentivar a leitura, e possui patrocínio de Organizações importantes como: UNESCO, CRIANÇA ESPERANÇA, PETROBRAS, etc.

Nesse contexto, considerando o desafio da adaptação das crianças à sala de aula bem como as necessidades das que já estão vivenciando o processo de aquisição da leitura e da escrita, lançamos como problema de pesquisa, as seguintes questões: Qual a importância da leitura na educação dos alunos do 1º e 2º ano do ensino fundamental. Como a leitura pode desenvolver a capacidade intelectual nas crianças?

O trabalho está fundamentado em obras de vários autores, tais como Freire (1989), Koch (2006), Solé (1998), Cosson (2014), Kleiman (2005), Soares (2005), Caldart (2010), Araújo (2011). Também foram utilizados os documentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

O mesmo foi dividido em cinco partes. Nesta primeira uma introdução logo após quatro capítulos, no primeiro abordou-se a leitura. No segundo, reflete-se sobre o letramento literário. O terceiro capítulo a análise da Educação do Campo, são apresentadas as respostas obtidas com os questionários, e a análise dessas informações em confronto com as leituras teóricas feitas.

No quarto e último capítulo em que apresentamos as considerações finais.

1. CONCEPÇÕES, ESTRATÉGIAS E ENSINO DE LEITURA

É necessário se preocupar, cada vez mais, com a formação de leitores, pois somos leitores em tempo integral, uma vez que vivemos imersos em letreiros, manchetes de jornais, placas de rua, notas fiscais, documentos, rótulos, revistas, livros, entre outros.

De acordo com Koch e Elias (2006, p.09),

Frequentemente ouvimos falar – e também falamos – sobre a importância de leitura na nossa vida, sobre a necessidade de se cultivar o hábito da leitura entre crianças e jovens, sobre o papel da escola na formação de leitores competentes, com o que concordamos prontamente.

Dessa forma, compreendemos que a leitura é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e psicológico do sujeito, permitindo que o mesmo transforme-se em um ser crítico, informado e capaz de perceber as mudanças sociais.

Koch (2006, p.11) afirma que,

A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo

Nesse sentido o leitor ativo age como participante, levando em conta seus conhecimentos e interpretando as informações implícitas no texto interagindo com a leitura e dando significado para a mesma.

A pesquisa "Retratos da Leitura no Brasil", divulgada pelo Instituto Pró-Livro em 2008, mostra que o índice de leitura entre crianças acima de cinco anos cresceu. Segundo o levantamento, a taxa de leitura por pessoa foi de 4,7 livros lidos por ano. Em 2000, foi apenas de 1,8 livros. O estudo também aponta que a maioria das obras lidas foi indicada pela escola (incluindo os didáticos). Entre os gêneros preferidos pela garotada estão a literatura infantil e a história em quadrinhos.

Entende-se que a criança que lê e tem contato com a literatura desde cedo, principalmente se for com o acompanhamento dos pais, é beneficiada em

diversos sentidos: ela aprende melhor, pronuncia melhor as palavras e se comunica melhor, de forma geral. Por meio da leitura, a criança desenvolve a criatividade, a imaginação e adquire cultura, conhecimentos e valores.

De acordo com Freire (1989, p.14-15),

A leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E, aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.

A leitura do próprio mundo do educando, ou seja, do meio que o cerca, é fundamental para a compreensão da importância de ler e escrever, pois esse movimento dinâmico de reconhecimento é um dos aspectos centrais do processo de alfabetização que deve vir do universo vocabular do educando, expressando sua linguagem carregada da significação de sua experiência existencial, transformando-a em uma prática consciente.

Freire (1989, p.14) reafirma a necessidade de que educadores e educandos se posicionem criticamente ao vivenciarem a educação, superando as posturas ingênuas ou “astutas”, negando de vez a pretensa neutralidade da educação.

Ler o mundo para transformá-lo, eis a tarefa de educadores e educandos, e o papel do educador é essencial para desenvolver a criticidade dos alunos, proporcionando uma prática em sala de aula que possa possibilitar a criação ou a produção do conhecimento.

Freire (1989, p.28/29) ressalta que

Enquanto ato de conhecimento, o processo de alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem.

Uma das grandes inovações da pedagogia de Freire é a consideração de que o sujeito da criação cultural é coletivo e não individual, sendo necessário que as relações professor/aluno sejam democráticas e afetivas, tornando o educando

um indivíduo criador, garantindo a possibilidade de se expressar, formando-se assim, sujeitos participativos de sua própria alfabetização.

Tanto o alfabetizador, quanto o alfabetizando, desenvolve os sentidos sobre algum objeto, ou seja, ambos podem ver, sentir e pronunciar o nome do objeto, mas só o alfabetizador pode ou sabe escrever e ler a palavra de tal. E esse momento de fazer com que o alfabetizando desenvolva essa “montagem” da expressão escrita está contido na relação que o professor tem com suas práticas de fazer com que o aluno também participe dessa criação do desenvolvimento de aprendizagem.

Para Freire (1989, p.30) a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou “reescrevê-lo”, quer dizer, de transforma-lo através de nossa prática consciente.

Quando estamos diante de novas descobertas, sabemos que conhecemos pouco de nós mesmos, somos seres humanos inacabados, e isso contribui na transformação de nossa prática e na transformação do “universo” em que estamos inseridos.

Freire (1989, p.36) menciona que

Na medida que compreendemos a educação, de um lado, reproduzindo a ideologia dominante, mas, de outro, proporcionando independentemente da intenção de quem tem o poder, a negação daquela ideologia (ou o seu desvelamento) pela confrontação entre ela e a realidade (como de fato está sendo e não como um discurso oficial diz que ela é), realidade vivida pelos educandos e pelos educadores, percebemos a inviabilidade de uma educação neutra.

A educação tem um papel muito importante, que é o de conscientização libertadora e não manipuladora, tornando o indivíduo seres pensantes, críticos e autônomos de sua própria história.

Freire (1989, p.36/37) expõe que

A opção realmente libertadora nem se realiza através de uma prática manipuladora nem tampouco por meio de uma prática espontaneísta. O espontaneísmo é licenciado, por isso irresponsável. O que temos que fazer, então, enquanto educadores e educadoras, é aclarar, assumindo a nossa opção, que é política, e sermos coerente com ela, na prática.

Deve haver uma reflexão crítica no que diz respeito à prática educacional, e o educador deve se posicionar criticamente, avaliando se há coerência entre a relação prática e teórica, uma vez que o professor é quem cria as possibilidades para a construção do conhecimento, levando em consideração a cultura do aluno, que é a chave do processo de conscientização preconizado por Paulo Freire.

Todo o aluno traz consigo uma bagagem cultural, ou seja, não são meros depósitos de conhecimento, e o professor conscientizador do processo de educar faz disso um mecanismo de aprendizagem, aproveitando a realidade do aluno em suas práticas educativas.

Freire (1989, p. 43) discute que

Em áreas cuja cultura tem memória preponderantemente oral e não há nenhum projeto de transformação infraestrutural em andamento, o problema que se coloca não é o da leitura da palavra, mas o de uma leitura mais rigorosa do mundo que sempre precede a leitura da palavra.

As mudanças funcionais ocorrem através das mudanças sociais, e em sociedade cujo, analfabetismo prevalece, é fundamental considerar os problemas ali existentes, levando em conta suas raízes, para que haja uma mudança dentro de um projeto inovador, como a biblioteca popular com histórias escritas pelo próprio educando, para que assim eles reconheçam primeiro o seu mundo, facilitando, assim, sua alfabetização.

De acordo com Freire (1989, p. 53),

A alfabetização e a pós alfabetização, através das palavras e dos temas geradores numa e noutra, não pode deixar de propor aos educandos uma reflexão crítica sobre o concreto, sobre a realidade nacional, sobre o momento presente – o da reconstrução, com seus desafios a responder e suas dificuldades a superar.

O processo de alfabetização refletido no meio cultural social tem o poder transformador de intervir no mundo. Para isso acontecer, é importante que o professor seja crítico e sua preparação científica necessária para buscar novos conhecimentos, deixando seus educandos atualizados e seres capazes de operar uma verdadeira mudança social.

Fazer com que o aluno construa o caminho do senso comum para uma visão crítica da realidade, compreende que o mesmo se inteirou do processo de alfabetização tornando-se um ser autônomo, mas inacabado, levando em conta a ideia de Paulo Freire de que tudo está em permanente transformação e interação.

O sujeito, ao perceber-se conectado com o mundo que o cerca, começa a enxergar a vida e o seu universo social. A leitura que ele faz do meio social vai se configurando, através das suas percepções e ações. A mesma é importante para a produção do conhecimento, para a construção da cidadania.

A leitura, a reflexão sobre o mundo, antecede a leitura escolarizada, ou seja, antes de aprendermos as convenções da leitura e da escrita, já enxergamos o ambiente em que vivemos e estamos interagindo constantemente.

Cosson (2014, p.15) afirma que,

O nosso corpo linguagem funciona de uma maneira especial. Todos nós exercitamos a linguagem de muitos e variados modos em toda a nossa vida, de tal modo que o nosso mundo é aquilo que ela nos permite dizer, isto é, a matéria constitutiva do mundo é, antes de mais nada, a linguagem que o expressa.

Para expressarmos o que entendemos, o que somos, o que necessitamos, recorremos às palavras. Elas são ferramentas para a interpretação que fazemos do nosso meio social, seja palavra falada ou escrita, ambas são de fundamental importância para o diálogo.

A criança que ainda não frequentou a escola, mas já contempla e percebe o mundo a sua volta: o seu lar, as pessoas, os objetos, os animais, as plantas em fim, é um ser em constante aprendizado; ao se inserir no âmbito escolar, a criança começa a identificar e sistematizar esse conhecimento adquirido antes mesmo da sua entrada na escola, o chamado conhecimento prévio e vai somando novos conhecimentos importantes para seu desenvolvimento cognitivo.

Segundo Freire (1989, p. 11) fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo, e não no mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro negro; gravetos, o meu giz.

1.1 CONCEPÇÕES DE LEITURA

A leitura é uma atividade de construção de significados, e depende do leitor, autor e texto. Cada leitor fará a sua leitura de acordo com sua bagagem cultural, seus conhecimentos prévios, suas intenções a respeito daquela leitura, sua motivação, seus desejos, curiosidade sobre determinado assunto, necessidade de aprimoramento de conhecimentos.

Koch (2006, p.10) declara que “a leitura, assim, é entendida como atividade de captação das ideias do autor, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor”. Ao ler, apesar de estar sozinho (a), estamos mergulhados (as) no universo que o autor quer passar, e essa atividade só se torna completa quando os sentidos são entendidos, pelo leitor e sociedade.

Segundo Cosson (2014, p.27) ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados.

As crianças que têm contato com livros, desde pequenas, tendem a ser mais desenvolvidas em relação à leitura, porque aprendem as convenções sobre a linguagem escrita, só de observarem seus pais ou cuidadores manuseando os livros, ao perceberem que se lê da esquerda para a direita, de cima para baixo, que a leitura inicia-se nas primeiras páginas, que, se tiver ilustrações, elas são relacionadas com o que está escrito, todos esses fatores favorecem e facilitam o aprendizado. Solé (1998, p.57) afirma que,

Entre os conhecimentos da criança que contribuem com as tentativas dos adultos de ajudá-la a ler e escrever, adquire valor fundamental o convencimento de que o escrito transmite uma mensagem. A participação em atividades conjuntas com os pais e na Escola Infantil - ler histórias, presenciar a elaboração de uma lista de compras, levar um bilhete da escola para casa, ver a professora lendo histórias, anotando... - propiciou a construção deste conhecimento que como o leitor deverá reconhecer, é muito adequado à realidade.

Nesse sentido, a escola possui uma tarefa importantíssima para a formação dos alunos: possibilitar que aprendam a ler corretamente. Através da leitura, as pessoas são capazes de serem autônomas e de almejar condições de vida mais igualitárias, desenvolver a criatividade e a linguagem, ampliar o vocabulário e a compreensão de textos, ao dominar o código linguístico, para assim

poder reivindicar seus direitos e se expressar melhor, tanto na fala quanto na escrita.

Em suas considerações, Solé (1998, p.60) fala que,

Em suas primeiras aproximações da linguagem escrita, as crianças aprendem a reconhecer globalmente determinadas palavras que são significativas para elas, seu nome, o de alguns produtos de consumo habituais, o dos personagens das suas histórias prediletas etc.

Por isso, a importância do professor (a), em sua prática pedagógica, trabalhar com os itens anteriormente citados: personagens, nomes próprios, rótulos de embalagens utilizadas no cotidiano, para facilitar a leitura das crianças.

1.2 ESTRATÉGIAS DE LEITURA

Muitas pessoas têm dificuldade no que concerne ao fato de como ler determinado livro, de como realizar de maneira mais fácil e acessível à iniciação de uma leitura, sua interpretação e também a sua melhor compreensão. Diante desse fato, surgiram as estratégias de leitura para auxiliar nessa tarefa que, a todo o momento, somos convidados a executar, ao longo de nossas vidas. Solé (1998, p. 23) afirma que

Para ler necessitamos simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, idéias e experiências prévias; que se apóia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidência ou rejeitar as previsões e inferências...

As estratégias de leitura são ferramentas para auxiliar o sujeito a ler e a compreender determinados textos que possam surgir pelo caminho. E o professor, nesse sentido, é um guia que vai mostrando quais os melhores procedimentos para alcançar a compreensão leitora.

Como atestam os PCNs (1997 p.41),

A leitura fluente envolve uma série de outras estratégias, como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência. É o uso desses procedimentos

que permite controlar o que vai sendo lido, tomar decisões, diante de dificuldades de compreensão, arriscar-se diante do desconhecido, buscar no texto a comprovação das suposições feitas, etc.

Durante a leitura de um texto ou de um trecho de texto em silêncio, o professor deve orientar os alunos para fazer um resumo do que foi lido e a conexão com as ideias. A seguir faz perguntas aos alunos, onde a resposta é necessária para confirmar a compreensão correta do texto e por último faz questionamentos, previsões a respeito do que ainda não foi lido. Estabelecendo assim o ciclo (ler, resumir, solicitar esclarecimentos, prever).

Conforme Solé (1998, p.70)

Se considerarmos que as estratégias de leitura são procedimentos de ordem elevada que envolvem o cognitivo e o metacognitivo, no ensino elas não podem ser tratadas como técnicas precisas, receitas infalíveis ou habilidades específicas. O que caracteriza a mentalidade estratégica é sua capacidade de representar e analisar os problemas e a flexibilidade para encontrar soluções. Por isso, ao ensinar estratégias de compreensão leitora, entre os alunos deve predominar a construção e o uso de procedimentos de tipo geral, que possam ser transferidos sem maiores dificuldades para situações de leitura múltiplas e variadas. Por esse motivo, ao abordar estes conteúdos e ao garantir sua aprendizagem significativa, contribuimos com o desenvolvimento global de meninos e meninas, além de fomentar suas competências como leitores.

Os diversos gêneros textuais, sejam da linguagem oral: músicas infantis, parlendas, adivinhas, piadas etc, ou da linguagem escrita: carta, aviso, bilhete, receita entre outros, são instrumentos de leitura e escrita do cotidiano das crianças, da sociedade, que contribuem para o desenvolvimento e aprendizado dos alunos (as).

Na visão de Solé (1998, p. 90), ler é muito mais do que possuir um rico cabedal de estratégias e técnicas. Ler é sobretudo uma atividade voluntária e prazerosa, e quando ensinamos a ler devemos levar isso em conta. Além da motivação, os desafios e o prazer são peças fundamentais para haver uma leitura agradável e enriquecedora; a leitura em voz alta na sala de aula é uma maneira interessante de despertar a atenção dos alunos e acompanhamento do texto, quando já se conhece o mesmo, quando o contrário é preferível ler em voz baixa

ou em silêncio. Lemos para nos manter atualizados; para conseguir instruções sobre o uso de um aparelho; para estar bem informados; para aprender, para produzir conhecimento.

1.3 ENSINO DE LEITURA

O ensino de leitura deve contemplar a realidade dos alunos no contexto social no qual estão inseridos. É de fundamental importância que o educador proponha atividades com textos que abordem temas ligados ao cotidiano dos alunos, e que estejam adequados com a faixa etária, com a curiosidade dos mesmos, e com as intervenções do professor, a partir do diagnóstico do nível de leitura e escrita de cada educando, para, assim, poder ocorrer a melhora do aprendizado.

Conforme Freire (1989, P.34),

Faz-se preciso então, enfatizar a atividade prática na realidade concreta (atividade que nunca falta uma dimensão técnica, por isso, intelectual, por mais simples que seja) como geradora de saber. O ato de estudar, de caráter social e não apenas individual, se dá aí também, independentemente de estarem seus sujeitos diante do mundo, é expressão da forma de estar sendo dos seres humanos, como seres sociais, históricos, seres fazedores, transformadores, que não apenas sabem mas sabem que sabem.

É de fundamental importância que sejam desenvolvidas atividades de leitura onde os alunos sejam incentivados a perguntar, prever, resumir, comparar as opiniões diversas em relação aos demais, fomentando assim uma leitura crítica, na qual o aluno se vê como personagem principal da construção de sentidos e de conhecimento.

Nesse sentido, a seleção do texto torna-se peça fundamental nessa articulação com a leitura, sejam eles curtos ou longos, os mais variados possíveis e de gêneros diversos, dão suporte e abertura para o mundo imaginário e também para o desenvolvimento linguístico, ortográfico, gramatical, oral, dos educandos (as). Kleiman (2005, p.47) considera que “uma importante contribuição dos estudos do letramento para a reflexão sobre o ensino da língua escrita na escola é a

ampliação do universo textual”, ou seja, a inserção de novos gêneros textuais de diversas instituições que até pouco tempo não eram trabalhadas na escola, porém estão espalhadas por toda a parte, como exemplo temos os textos publicitários, políticos, científicos, jornalísticos.

Um dos principais problemas enfrentados pelos alunos, tanto da rede pública, quanto da particular é a questão da interpretação de textos. Em relação a esse tema, Cosson (2014, p. 41) fala que a interpretação depende, assim, do que escreveu o autor, do que leu o leitor e das convenções que regulam a leitura em uma determinada sociedade. Nessa situação o contexto é peça chave para o entendimento do texto, o contexto segue a bagagem de conhecimento do leitor e depende do texto, ambos devem fluir para a compreensão dos sentidos.

Isso implica na melhoria de interesses dos educandos concernentes aos variados textos, pois os mesmos possuem relação direta com a realidade dos alunos, passando a ter mais vida e sentido, contribuindo para assimilação dos conteúdos escolares e conseqüentemente das práticas sociais.

Em suas contribuições, Kleiman (2005, p. 48) discorre que,

Incluem-se nas novas categorias de texto “escolares” listas, bilhetes e receitas, que são escritos e copiados sem aparelhagem especial, às vezes em pedacinhos de papel que atestam que a ocasião é informal, usual, trivial até. Incluem também os textos da escrita “ambiental”, do mundo físico ao redor, como pichações, avisos, letreiros, outdoors, placas de rua, crachás, camisetas e buttons, expostos para serem lidos num bater de olhos.

Vivemos numa época em que a imagem predomina na internet, na televisão, no celular; a todo o momento, somos atingidos por inúmeras informações através das imagens, e também surge a necessidade de entendê-las, interpretá-las, para a compreensão da mensagem transmitida. Kleiman (2005, p. 48) afirma que “o texto comum na mídia hoje é um texto multissemiótico ou multimodal: são usadas linguagens verbais, imagens, fotos, e recursos gráficos em geral”. A imagem é uma forma de expressão fundamental na sociedade, sendo utilizada em vários setores, sobretudo no âmbito publicitário, onde tem a função de persuadir as pessoas para consumirem determinados produtos.

Segundo os PCN (1997 p. 40),

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever.

Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever.

É necessária uma formação do professor que contemple essas novidades e que aborde em suas práticas pedagógicas essa gama de textos, para ter clareza e domínio dessas novas metodologias e aplicar adequadamente com os alunos para que os mesmos construam suas histórias de leitura, de maneira correta e com sentido.

2. LETRAMENTO LITERÁRIO

Alguns textos são interessantes para serem apresentados aos alunos, já que possuem referências com a questão social dos mesmos, são os textos do dia a dia: carta, bilhete, lista de compras, contas de energia e de água, bíblia, calendário, faturas de cartões, diário, receita, cardápio etc. Esses textos da linguagem oral e escrita, além de fazerem parte do cotidiano das crianças, possuem sentido prático, pois, se os alunos tiverem contato com os mesmos na escola, em casa ficará mais fácil a sua compreensão e prática, ou vice-versa.

Mas, o que é letramento? Esse conceito surgiu em meados da década de 1980 com o objetivo de referir-se aos aspectos sócio-históricos dos usos da escrita; a mesma como instrumento de linguagem e expressão do homem e sua utilização no cotidiano. Traduzindo para o português, *literacy* (letramento) é uma palavra que tem sua etimologia no latim e no inglês, onde *littera* significa: letra e *cy* sinônimo de qualidade, ou seja: condição de ser letrado.

Kleiman (2005, p. 21) discorre que

O letramento abrange o processo de desenvolvimento e o uso dos sistemas da escrita nas sociedades, ou seja, o desenvolvimento histórico da escrita refletindo outras mudanças sociais e tecnológicas, como a alfabetização universal, a

democratização do ensino, o acesso a fontes aparentemente ilimitadas de papel, o surgimento da internet.

Um dos precursores da ideia do letramento foi Paulo Freire, pois ele foi um dos autores que utilizou o termo alfabetização próximo ao conceito de letramento como uma prática sociocultural dos usos da língua escrita.

Kleiman (2005, P.5) fala que “letramento é um conceito criado para referir-se aos usos da língua escrita não somente na escola, mas em todo lugar. Porque a escrita está por todos os lados, fazendo parte da paisagem cotidiana”. A escrita está presente em vários setores da nossa sociedade, seja na educação, saúde, âmbito publicitário, jornalístico, científico, enfim, e para nos apoderarmos dela, necessitamos de instrução, de ensino e leitura constante para aprimorarmos nossos conhecimentos linguísticos.

Dentre os tipos de letramento, até o literário, defendido por Cosson (2014, p. 30) declara que “é justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor”. Além do prazer, da criação do hábito de ler, do desenvolvimento comunicativo a leitura literária é responsável para a nossa competência em relação à linguagem.

Na escola, a seleção literária é realizada por vários fatores, entre eles está o cabedal de leituras do professor que, segundo o dicionário Aurélio, significa “conjunto de bens intelectuais, que irão estimular as escolhas dos livros”. Geralmente, o livro que o professor leu, com que o mesmo teve contato, será repassado para seus alunos.

Cosson (2014, p.35) afirma que,

Ao selecionar um texto, o professor não deve desprezar o cânone, pois é nele que encontrará a herança cultural de sua comunidade. Também não pode se apoiar apenas na contemporaneidade dos textos, mas sim em sua atualidade. Do mesmo modo, precisa aplicar o princípio da diversidade entendido, para além da simples diferença entre os textos, como busca da discrepância entre o conhecido e o desconhecido, o simples e o complexo, em um processo de leitura que se faz por meio da verticalização de textos e procedimentos. É assim que tem lugar na escola o novo e o velho, o trivial e o estético, o simples e o complexo e toda a miríade de textos que faz da leitura literária uma atividade de prazer e conhecimentos singulares.

O letramento e a alfabetização são práticas que estão associadas. O primeiro diz respeito ao uso da leitura e escrita nas práticas sociais; e a segunda está inerente ao domínio do sistema alfabético, suas convenções, e a ler e escrever de fato.

Segundo Soares (2005, P.31),

Ler estende-se desde a habilidade de simplesmente traduzir em sons sílabas isoladas, até habilidades de pensamento cognitivo e metacognitivo; inclui, entre outras habilidades, a habilidade de decodificar símbolos escritos; a habilidade de captar o sentido de um texto escrito; a capacidade de interpretar sequências de idéias ou acontecimentos, analogias, comparações, linguagem figurada, relações complexas, anáfora; e ainda habilidades de fazer predições iniciais sobre o significado do texto, de construir o significado combinando conhecimentos prévios com as informações do texto, de controlar a compreensão e modificar as predições e iniciais, quando necessário, de refletir sobre a importância do que foi lido, tirando conclusões e fazendo avaliações.

É interessante estimular os pequenos desde cedo, para que eles tenham o gosto pela leitura literária. Mesmo sem saberem ler, de acordo com os padrões convencionais, só o fato de manusear as obras, de ter o contato visual com as ilustrações e letrinhas, de ouvir historinhas, irá contribuir na formação e desenvolvimento dos chamados comportamentos leitores.

Em relação à escrita Soares (2005, p. 32) discorre,

Escrever engloba desde a habilidade de traduzir fonemas em grafemas, até habilidades cognitivas e metacognitivas; inclui habilidades motoras, ortografia, uso adequado da pontuação, habilidade de selecionar informações relevantes sobre o tema do texto e de identificar os leitores pretendidos, habilidade de fixar os objetivos do texto e de decidir como desenvolvê-lo, habilidade de organizar as ideias no texto, de estabelecer relações entre elas, de expressá-las adequadamente.

Estimular as crianças a escreverem mesmo sem ainda dominarem o código linguístico, é uma atividade considerável para a iniciação ao desenvolvimento da escrita, assim como ler sem saber, o fato de “treinar” é mais importante do que a eficiência da leitura e da escrita, nessa situação.

Conforme Kleiman (2005, P. 12) a alfabetização é uma das práticas de letramento que faz parte do conjunto de práticas sociais de uso da escrita da instituição escolar.

No ambiente escolar, cabe ao professor ensinar habilidades e competências para seus alunos que irão ser fundamentais para atuação desses sujeitos nas práticas sociais, atividades que vão da escrita de uma carta, à elaboração de relatórios, entre outras. Em relação ao domínio de determinados textos, uma pessoa pode, por exemplo, ser muito boa na escrita do texto de uma receita, porém leiga, quando se refere à elaboração de um texto que contemple questões administrativas, ou vice-versa.

Para Kleiman (2005, p.32), os modos de ler e escrever variam segundo diferentes instituições. Isso significa que, mesmo dominando a escrita, podemos deparar com situações em que somos incapazes de produzir um texto.

É importante avaliar qual a função da escrita para determinados grupos e possibilitar a inserção dos alunos e comunidade no universo da leitura e da escrita.

2.1 LITERATURA INFANTIL

Contar histórias é um costume remoto e que, conseqüentemente, gerou a Literatura Infantil, que surgiu em meados do século XVII. Anteriormente, as histórias eram contadas apenas oralmente, em rodas de contos populares e folclóricos, que se transformaram em escritos com a Literatura. Nessa mesma época, foram publicados os primeiros livros específicos para as crianças, com o intuito pedagógico e de ensino.

Um dos primeiros livros de ensino e ilustrado de que se tem registro é a obra de Comenius: ***Orbis Sensualium Pictus*** (1658). Essa obra, escrita em Latim, tinha o intuito de ensinar as crianças daquela época como a vida funcionava, como eram as atividades que os adultos executavam, através de desenhos.

Por volta desse mesmo século, surge, nas classes dominantes, a ideia de infância. A partir de observações das crianças menores dependentes de outros, começa a preocupação com a criança, como ser sensível e dependente, que até então era considerada um adulto em miniatura e participava de todas as atividades conferidas aos adultos. Nesse período, inicia-se a industrialização voltada para as

crianças, para atrair e atender os interesses dos filhos da classe burguesa, com a criação de livros infantis, jogos e brinquedos.

Já no século XVIII, a escola surge como instituição responsável pela educação dos filhos da classe burguesa. Nessa época, a educação era destinada apenas para as classes mais abastadas da sociedade e, com esse acontecimento, a Literatura também adentra no espaço escolar.

Dentre as histórias que se enfatizam nessa época, estão os contos maravilhosos (de fadas ou de encantamento), as fábulas, as histórias de guerras, as lendas, etc. Muitas delas inspiradas no dia a dia e nos acontecimentos ocorridos naqueles períodos medievais.

Alguns escritores tiveram muito destaque, como Charles Perrault, que é considerado precursor da Literatura infantil, responsável pelas obras *O gato de botas*, *Chapeuzinho vermelho*, *A bela adormecida*, *O pequeno polegar*, etc. Outros escritores também se destacaram nesse cenário internacional, como Os Irmãos Grimm, escritores de *Rapunzel*, *Cinderela*, *João e Maria*, entre outras obras e também Andersen, responsável pelos clássicos *O Patinho feio*, *O soldadinho de chumbo*, *A pequena sereia*, enfim.

Em âmbito brasileiro, a literatura ganhou forma com vários escritores, entre eles Monteiro Lobato, autor de obras como *Sítio do Pica-pau-amarelo*; *Reinações de Narizinho*; *Viagem ao céu e O Saci*; *Caçadas de Pedrinho e Hans Staden*; *História do mundo para as crianças*; *Memórias da Emília e Peter Pan*; *Emília no país da gramática e Aritmética da Emília* etc. Ao ler Lobato muitas vezes somos conduzidos a “navegar” pelas histórias de maneira prazerosa ao acompanhar o texto e viver experiências que retomam ao âmbito rural como comenta Matos (2012, p.140)

O leitor que carrega essa bagagem cultural se aventura por passeios em fazendas, por brincadeiras em riachos e florestas (aglomerados de arbustos) e vê a imagem de “vacas mochas”, do pomar e suas árvores frutíferas, do “Pedrinhos” com seus bодоques, das “Emílias” e dos “Viscondes”, de brinquedos de fabricação caseira, dos bolinhos e pipocas servidos nos serões, de um universo de oralidade, comportamentos, crenças, valores, personagens típicos etc.

Outra autora importante para o cenário infantil brasileiro é Cecília Meireles que escreveu: *Colar de Carolina*; *O menino Azul*; *O cavalinho Branco*; *Ou isto ou Aquilo*, entre outras.

Ana Maria Machado também é figura renomada em se tratando de Literatura Infantil, responsável por inúmeras obras, entre elas: *Menina Bonita do Laço de Fita*; *Um pra lá, outro pra cá*; *Beto, o carneiro*; *História meio ao contrário*, enfim.

Em entrevista a Revista Nova Escola, Machado (2001) fala como despertar o gosto pela leitura

Ler é gostoso demais. Por isso, é natural que as pessoas gostem. Basta dar uma chance para que isso aconteça. Ninguém é obrigado a gostar de cara. Tem de ler dois, três títulos, até encontrar um que nos desperte. No caso da criança, dois fatores contribuem para esse interesse: curiosidade e exemplo. Assim, é fundamental o adulto mostrar interesse. Na casa onde cresci, um dos quartos havia sido transformado em biblioteca. Meu pai era jornalista e minha mãe, uma leitora voraz. O livro era um concorrente dos filhos na atenção deles, e portanto, só podia ser uma coisa muito boa... O problema do Brasil é que poucas crianças vivem essa realidade.

Há, também, o Ziraldo, que se dedicou à confecção de trabalhos destinados às crianças, e, em 1980, lançou *O Menino Maluquinho*, um dos maiores fenômenos editoriais no Brasil de todos os tempos. O livro já foi adaptado com grande sucesso para teatro, quadrinhos, ópera infantil, videogame, Internet e cinema.

Outro ícone do gênero história em quadrinho é Maurício de Sousa, escritor e desenhista da *Turma da Mônica*, *Turma do Chico Bento*, *Turma do Bidu*, *Horácio*, *Turma do Pelezinho*, etc.

2.2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Diariamente, temos contatos com textos que têm o intuito de informar, instruir, persuadir, entreter, etc. Mas quem nunca se encantou com uma história infantil, seja na época da infância, seja na fase de adolescência ou adulta? Essas histórias são destinadas às crianças e também atendem a uma gama variada de idades, presentes em nossa sociedade, e é imprescindível sua presença na escola e também em casa, pois possuem o poder de promover cultura e conhecimento para as pessoas. Nessa pesquisa, damos enfoque para a leitura e para o Gênero literário infantil, por acreditar que o mesmo tem a função de ajudar professores e alunos do primeiro ciclo, no processo de aquisição e desenvolvimento da leitura e,

consequentemente, da escrita das crianças. E, por se tratar de textos que promovem o prazer, a curiosidade, o excitamento nos leitores, é que resolvemos pesquisá-lo.

Porém, não se deve contar uma história de qualquer maneira, tem toda uma preparação para esse momento. A apresentação da capa, dos autores e o tema são de fundamental importância para uma boa contação. Nessa hora deve-se atrair a atenção das crianças de maneira natural, com a entonação de voz adequada, pausada, obedecendo às regras de pontuação.

Conforme Baseio (2012, p.18)

Como um artesão, o narrador-educador recria a experiência humana com o olhar, a mão e a voz. Sua palavra refaz uma atmosfera sagrada, lançando o ouvinte em outro tempo, em outro espaço, rigorosamente diferentes da vida cotidiana.

O professor é peça fundamental na seleção, na apresentação, e na leitura das histórias agindo como mediador desse momento especial.

Segundo Cosson (2014, p.21), no ensino fundamental, a literatura tem um sentido tão extenso que engloba qualquer texto escrito que apresente parentesco com ficção ou poesia. Para despertar o interesse dos leitores, é necessário selecionar os livros de acordo com a faixa etária, de preferência textos curtos, contemporâneos, divertidos, para fomentar o desenvolvimento cognitivo dos mesmos, tornando ,assim, a Literatura prazerosa, atraente e criativa.

2.3 GÊNEROS LITERÁRIOS NARRATIVOS

As histórias infantis existem desde a antiguidade e são precursoras a escrita convencional, ganharam destaque a partir da idade média, com os contos populares, as lendas e mitos, as histórias épicas; tornando criativa a imaginação das pessoas. Algumas histórias tratam de temas ocorridos e tradicionais na cultura de um povo, apresentando soluções para os problemas e os conflitos humanos.

É interessante fomentar a leitura de textos que despertem a curiosidade e atenção dos leitores. Esses textos podem ser tanto da linguagem oral quanto da

linguagem escrita. Como exemplo, de textos do gênero literário narrativo temos: conto de fadas, fábulas, lendas e história em quadrinho.

No gênero narrativo o autor estrutura uma história, quase sempre em prosa, que pode se inspirar em eventos reais ou ser apenas de natureza fictícia. Nessa modalidade as cenas se desenrolam de forma consecutiva no espaço e no tempo. Ele pode ser classificado nos subgêneros romance, conto, crônicas, novelas, entre outros. Esta modalidade se distingue, estruturalmente, por apresentar uma trama com início, um clímax e uma conclusão.

Exemplos

Contos de fadas

Os contos de fadas são as histórias que apresentam a problemática existencial, que servem para todas as idades, em qualquer tempo, que nos emociona e tem predominante em suas narrações a figura das fadas, sobre elas Michelli (2012, p.38) fala

A fada projeta-se no cenário da cultura ocidental, cristã e patriarcal como marca de um feminino detentor de poderes que transcendem a realidade do senso comum: ela é um ser que vem de épocas muito antigas, habitando territórios sobrenaturais. Geralmente imaginada como portadora das benesses que os seres humanos não conseguem obter por esforço próprio, a fada associa-se a uma imagem também positiva em termos de aspecto físico. Distinguindo-se da bruxa velha, com nariz adunco e verruga, seu revés, a fada é pensada como uma bela e doce jovem.

As fadas na maioria das histórias possuem a função de prever e mudar o presente dos personagens, realizando seus desejos mais secretos.

Segundo o site Brasil Escola, são considerados clássicos da literatura mundial, os contos de fadas têm origem em tempos remotos e nem sempre se apresentaram como os conhecemos hoje. O aspecto fantasioso e lúdico que hoje os envolve surgiu da necessidade de minimizar enredos controversos e polêmicos, próprios de uma época em que a civilização ainda não havia

inventado o conceito que hoje conhecemos tão bem: a infância. Chamamos de contos de fadas porque são histórias que têm sua origem na cultura *céltico-bretã*, na qual a fada, um ser fantástico, tem importância fundamental.

Fábulas

São narrativas em prosa ou poema em que os personagens são geralmente animais, objetos inanimados ou plantas e que possuem características humanas: fala, costumes, personalidade. Nos seus desfechos apresentam ensinamentos de lições de moral, de inteligência de justiça entre outros; as fábulas são de origens populares e transmitidas oralmente. Um dos principais autores desse Gênero foi Esopo, um escravo que viveu na Grécia antiga e suas principais obras são: A Tartaruga e a Lebre; A raposa e as uvas; A cigarra e a formiga.

Lendas

Uma característica das lendas é a que todas as culturas criam as suas, a lenda procura explicar de forma simples, os acontecimentos considerados complexos, nos dando ensinamentos sobre os interesses coletivos em detrimento dos interesses individuais.

As lendas folclóricas são expressões da linguagem advindas da cultura popular, quase sempre foram transmitidas oralmente através dos nossos antepassados, contam histórias misturadas de fatos reais e imaginários passando as histórias de geração para geração e relacionam-se ao folclore que é constituído pelos costumes, lendas, tradições e festas populares. O território paraibano possui inúmeras lendas: Comadre Fulozinha, Papa-figo, Cotaluna, Batatão, a lenda da Fonte Tambiá, etc.

Histórias em quadrinho

O quadrinho é uma linguagem de origem antiga e continua presente e atual, alguns autores se destacaram em âmbito brasileiro, são eles Ziraldo e Mauricio de Sousa, seus personagens tornaram-se ícones da nossa cultura.

Esse Gênero é uma ferramenta muito importante para melhorar a linguagem tanto falada quanto escrita, no que implica na sua utilização dentro e fora do ambiente escolar, como meio que assegure o desenvolvimento da comunicação, da compreensão de textos e da habilidade de leitura das crianças. De acordo com o Ministério de Educação e Cultura (MEC)

A leitura de obras em quadrinhos demanda um processo bastante complexo por parte do leitor: texto, imagens, balões, ordem das tiras, onomatopeias, que contribuem significativamente para a independência do leitor na interpretação dos textos lidos. Além disso, o universo dos quadrinhos faz parte das experiências cotidianas dos alunos. É uma linguagem reconhecida bem antes de a criança passar pelo processo de alfabetização.

Ou seja, os quadrinhos trabalham com as linguagens: verbal e não verbal o leitor precisa conectar a imagem com as palavras, para poder compreender a cena e a mensagem que está sendo transmitida. Daí a importância dos modelos de balões, dos traços das linhas, vinhetas, e legendas. De acordo com Pina (2012, p.66)

Os pequenos leitores de HQs precisam dominar as estratégias textuais para poder interagir com o que leem. Eles precisam saber que as vinhetas (quadros) devem ser lidas, no caso das HQs ocidentais, da esquerda para a direita, de cima para baixo-esta é a ordem narrativa. É necessário também, que saibam que os balões e seus rabichos trazem significados especiais: por exemplo, os balões em forma de nuvem significam sonhos, os que surgem por linhas pontilhadas indicam pensamento, etc.

Daí a importância de trabalhar com o gênero textual quadrinho, como instrumento criativo, de leitura prazerosa e fácil de ser realizada pelas crianças.

3. ANÁLISE DA EDUCAÇÃO DO CAMPO (LEITURA NO CONTEXTO DA ESCOLA REGINALDO CLAUDINO SALES)

No que tange o letramento, esse tema implica o contexto da educação do campo, onde o uso da leitura e da escrita devem estar associados às práticas sociais específicas dos sujeitos que compõem esse âmbito.

A Educação do Campo é um desafio que está sendo colocado para as pessoas que estão se formando nessa área, pois sabemos que são inúmeras as dificuldades enfrentadas, como falta de incentivo e de políticas públicas que assegurem o direito dos estudantes desse âmbito, a precariedade nas condições de funcionamento das escolas, predomínio de classes multisseriadas, o fechamento das escolas e falta de formação de professores, enfim.

Citaremos um dos problemas mais frequentes nas escolas campesinas, que é a multisseriação. Essa prática de ensino resulta numa certa confusão, porque vários alunos são colocados num mesmo espaço, numa mesma sala de aula, por conta da escola ser localizada na zona rural e ter poucos estudantes na região, além das questões econômicas por parte do governo que acredita que o multisseriamento é a solução para o problema dos estudantes que moram em espaços dispersos, longe da escola e não têm condições de estudar na cidade, por exemplo, demandando transporte para os mesmos.

Existem projetos de nucleação de escolas, onde alunos de uma região com vilarejos aproximados poderiam se deslocar para uma escola núcleo que ficaria próximo dessas regiões, mas, até esse programa se concretizar o tempo vai passando e nada é feito. Há também, o fator do professor ter que se deslocar para a escola numa estrada precária, além das exigências pedagógicas que implicam numa atuação múltipla, trabalhar com o mesmo assunto (disciplina) em distintas séries e diferentes níveis de aprendizado, pois há na sala, alunos da educação infantil misturados com alunos do ensino fundamental, além da distorção idade-série; alunos especiais, alunos com dificuldade de aprendizado, etc.

Com as reivindicações das populações do campo (agricultores, ribeirinhos, pescadores, quilombolas, e também dos movimentos sociais para melhoria da qualidade da educação ofertada para essa população) é que foram criadas algumas políticas de incentivo para essa educação específica. A partir

de muita luta, alguns avanços foram surgindo e muito ainda tem que ser feito para a realização concreta de benefícios e qualidade instrucional, tanto nos níveis de educação infantil, fundamental, médio e superior, para que os sujeitos que historicamente foram deixados à margem do processo educativo brasileiro, possam ter de fato uma educação de qualidade voltada para a sua realidade.

A Educação do Campo deve atender à diversidade de populações que vivem no espaço rural, considerando seus modos de vida e de organização de trabalho, diferentes saberes, tradições, histórias, condições de saúde, aliado ao conhecimento de ecossistemas tão variados em termos de paisagem, vegetação, animais, etc.

Algumas iniciativas do governo foram colocadas para melhorar essa situação de abandono, em relação aos povos camponeses, uma delas foi a criação do decreto assinado em 2010 no governo de Luís Inácio Lula da Silva, acerca da Educação no Campo e Educação na Reforma Agrária, formula em seu Art. 1º a política de educação do campo destina-se à ampliação e qualificação da oferta de educação básica e superior às populações do campo, e será desenvolvida pela União em regime de colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, de acordo com as diretrizes e metas estabelecidas no Plano Nacional de Educação e o disposto neste Decreto.

O caminho é longo para a efetivação de políticas educacionais de qualidade, para que o acesso democrático ao conhecimento seja alcançado por essas populações e para que elas melhorem suas condições de vida e de estudo, sem precisar migrar das suas raízes para a zona urbana, onde conseqüentemente acabam perdendo suas identidades e passam a possuir hábitos novos e diferentes por conta da nova realidade e contexto social.

Em relação à prática pedagógica nas escolas do campo, Caldart (2010, p. 58) afirma:

Pelos objetivos formativos da Educação do Campo é preciso garantir um currículo ou uma forma de constituição do plano de estudos e de organização do trabalho pedagógico que combine diferentes aspectos e tenha a realidade como objeto de estudo, trabalhe articulando teoria e prática (pelo vínculo do estudo com processos de trabalho, com os processos de apropriação/ produção cultural, com processos de organização coletiva e de envolvimento nas lutas sociais), consolide um trabalho coletivo entre educandos e entre educadores, exercitando um novo

padrão de relações sociais que, pelo menos, problematize a cultura do individualismo e egoísmo imperante na sociedade, e faça tudo isso respeitando o ciclo etário ou de desenvolvimento humano dos educandos.

É fundamental o educador respeitar os conhecimentos prévios dos educandos, as suas raízes culturais, seus costumes e crenças para, assim, desenvolver um trabalho pedagógico que contemple as necessidades dos alunos, para que eles possam dar sentido às instruções de ensino.

No que concerne à formação de professores para atuar no campo Araújo (2011, p. 62) afirma que

Formar o educador camponês para que lecion e intervenha sociopoliticamente em seu assentamento significa potencializar os saberes dos sujeitos que aí habitam, na intenção de que eles possam dar aulas relacionando o saber escolar com sua realidade, mediados pelo diálogo, o que geralmente não ocorre entre um professor que é da cidade e seu aluno que está no campo, pois o professor da cidade geralmente domina outros saberes, não possuindo os conhecimentos práticos do cotidiano camponês, ou seja, não possuindo os saberes e experiências que os camponeses possuem.

Ser professor neste país é um desafio grandioso e constante, por motivos que todos nós já sabemos: falta de incentivo à carreira; salários condizentes e justos com o trabalho; violência nas escolas por parte de alunos, pais; jornadas múltiplas etc. Não basta gostar do que faz, mas ter competência preparo, jeito para lidar com as pessoas. A profissão educador implica exercer uma função social para formar cidadãos com condições educacionais melhores, mais igualitárias e com mais oportunidades.

3.1 O CONTEXTO DA ESCOLA REGINALDO CLAUDINO SALES

A investigação foi realizada na Escola Reginaldo Claudino de Sales no Município do Conde PB, onde foram utilizados como instrumento de coleta de dados da pesquisa dois tipos de questionários: um elaborado para a gestora, bibliotecária e as professoras, contendo 15 indagações; e outro formulado para os alunos, contendo 11 questionamentos, em ambos, foram colocadas perguntas abertas e fechadas. Nessa perspectiva, o material coletado foi de extrema importância para a fundamentação da nossa pesquisa.

A entrevista foi realizada dentro da unidade escolar com a gestora, escolhemos a mesma, porque é moradora da comunidade onde a escola está situada, por ela ser participativa e dialogante com os pais, professores, alunos e também por ela possuir uma intensa relação com a educação há 32 anos. No caso da bibliotecária, selecionamos a mesma, porque, antes dela exercer a função na biblioteca, era professora e atuava nas séries iniciais, demonstrando, assim, a experiência escolar, que segundo a mesma chega a 25 anos de dedicação; aplicamos o questionário com duas professoras e 24 alunos, sendo oito alunos do primeiro ano e 16 alunos do segundo ano do ensino fundamental, no qual, vamos identifica-los através de símbolos, sendo: G- gestora, B - bibliotecária, P1- e P2-professoras e X- alunos.

Sendo assim, a seguir, são apresentadas as análises das respostas da gestora, da bibliotecária e das duas professoras entrevistadas.

3.1.1 A Prática de leitura das professores, gestora e bibliotecária

Concernente ao hábito de leitura e com que frequência as leituras são realizadas pelos entrevistados no interior da escola e fora do ambiente escolar, a resposta foi unânime: todos responderam que sim. Segundo G, a leitura é fundamental para a construção e a renovação do conhecimento colaborando também para a formação integral do indivíduo.

As duas professoras, P1 e P2, e a bibliotecária B responderam que leem diariamente. P2 ainda reforçou falando que sua rotina diária, apesar de muito

corrida, sempre estava acompanhada por um bom livro, e B disse que sua rotina era essa, uma vez que seu trabalho era na biblioteca e sempre estava relendo alguns livros que achava interessante, pois a biblioteca da escola dispunha de poucos exemplares. Já G respondeu que lê semanalmente, pois tinha pouco tempo disponível para essa atividade, uma vez que sua função exige um pouco mais de dedicação à gestão escolar.

Inerente à seleção dos livros que elas leem, as respostas foram diversificadas: G respondeu que escolhe os livros a partir dos assuntos que lhe interessam. B ressaltou que ela mesma escolhe os títulos; e P1 e P2 afirmaram que selecionam os livros conforme as dicas de amigos e bibliotecários. Vamos destacar a resposta de P2, que fala que além das sugestões, a mesma trabalha na Associação Educativa Livro em Roda, que tem como objetivo o incentivo a leitura.

Condizente a como elas adquirem os livros que leem e em relação ao acesso a esses livros: as respostas de P1, P2 e B, foram que os livros que leem são emprestados da biblioteca escolar. A resposta que se diferenciou das demais foi da professora P2, que reforçou que “ainda pego alguns livros da Associação Educativa na qual trabalha”. Percebe-se que as professoras limitam-se a buscar pela diversidade dos livros escolhidos apenas em dois ambientes, na biblioteca escolar e na Associação onde trabalha, deixando de lado outras possibilidades de aquisição de leitura em outros âmbitos.

G citou que os livros que ela lê são comprados, comprovando a limitação de pesquisas e obtenção de livros em outras fontes, talvez pela dificuldade encontrada no acesso do campo para a cidade ou até mesmo para uma biblioteca mais ampla.

3.2 Procedimentos e Metodologias em sala de aula

Em relação à metodologia empregada em sala de aula e aos momentos destinados a leitura a reposta de todos; G, B, P1 e P2 foram iguais, que sim, e que é importante para formação dos alunos que todas as escolas tenham essa prática de leitura dentro e fora da sala de aula. Citamos a gestora e a bibliotecária porque elas de fato participam dos eventos de leitura realizados na escola, como observamos nos dias em que visitamos a instituição para realização do nosso

trabalho. Em um desses dias aconteceu um evento cujo autor escolhido pela escola através do PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa) foi Monteiro Lobato, diversas atividades foram realizadas: teatro de fantoches representando os personagens do *Sítio do Pica Pau Amarelo*: Emília, Cuca, Saci, Visconde, onde o palco do teatrinho foi confeccionado com caixa de papelão e tnt; amostras em varais com desenhos das obras desse autor, feito pelos alunos; exposição de livros e cartazes nas paredes com frases de grandes pensadores do universo da leitura.

As atividades de culminância da semana de leitura iniciaram-se com essa apresentação de fantoches, em seguida um dos professores falou sobre a biografia de Monteiro Lobato, fez perguntas aos alunos sobre o autor e quem respondia correto, ganhava um brinde e por último foi apresentado um filme em dvd do *Sítio do Pica Pau Amarelo*.

Percebemos que, apesar das dificuldades da escola em relação, a falta de uma biblioteca organizada com um número considerável de exemplares disponíveis para os alunos lerem, há um comprometimento e boa vontade dos integrantes da escola em relação ao desejo de desenvolver nos educandos as habilidades leitoras. Certificamos que em cada sala de aula há um cantinho de leitura e que existem bastantes materiais expostos nas paredes como: números, alfabeto, e cartazes de normas e gentilezas, que facilitam e ajudam no aprendizado das crianças.

Além do livro didático que também é utilizado, os professores P1 e P2 falaram que empregam uma gama de livros de diversos gêneros textuais, mas destacaram os livros literários, pois é onde os alunos se prendem mais, pelo fato do incentivo a imaginação e o encantamento que os mesmos proporcionam correspondendo e interagindo mais com esse tipo de didática.

Sobre os modelos de textos que utilizam para o ensino-aprendizagem de leitura literária, G respondeu que são utilizadas todas as alternativas citadas no questionário inerentes a leitura literária: conto e reconto de histórias; produção coletiva de histórias e poemas; livre escolha de texto pelos alunos e ainda acrescentou a resposta: mistura de metodologias. B também afirmou que são adotadas todas as opções citadas na pesquisa e adicionou a resposta: empréstimo de livros.

P1 replicou que os textos que utilizam são os contos e recontos de histórias e P2 indicou que os procedimentos adotados para a leitura estão focados no projeto: “Quem lê sabe mais”, através de empréstimo de livros, pela Associação Educativa Livro em Roda, que conta e reconta histórias e pelos cantinhos de leitura da escola.

O projeto de leitura em parceria com a escola denominado “Quem lê sabe mais” consiste numa parceria da ONG “Livro em Roda” que atua há 18 anos naquela localidade, visitando as escolas e fazendo o empréstimo dos livros uma vez por semana para os alunos levarem para casa para ler e, na semana seguinte, recolhe os livros e empresta outros títulos. As professoras P1 e P2 não citaram o projeto de leitura na escola, porém, reforçaram que na sala de aula existem os cantinhos de leitura, onde os alunos têm acesso aos livros a todo o momento.

3.3 Dificuldades para a promoção de leitura

Acerca das dificuldades enfrentadas para ler e promover a leitura aos seus alunos, G e P1 asseguraram que a principal dificuldade é a ausência do hábito de leitura na família, o que contribui para o consequente desinteresse do aluno. P2 atestou que a dificuldade está calcada na falta de interesse por parte do aluno e B confirmou que são diversos os empecilhos para a promoção da leitura: falta de material disponível; do hábito de leitura na família e de interesse por parte do aluno.

Há também a questão da biblioteca escolar, que existe sim, porém os livros são amontoados no armário e misturados no mesmo ambiente que materiais utilizados para a limpeza, para as aulas de judô e de educação física. Falta organização na sala destinada para ser biblioteca, assim como a ausência de estante apropriada para os livros serem acomodados devidamente. Há carência, também de mesa para realização da leitura nesse local. Apesar desse estado da biblioteca, a funcionária explicou que os livros são emprestados para os alunos levarem para casa para ler, e que uma vez por semana a mesma realizava leituras juntamente com os alunos, e onde um dia da semana, era reservado para cada turma nesse ambiente.

Agora, partimos para um dos pontos principais da nossa pesquisa: saber se a literatura infantil foi importante para o processo de formação de leitor desses

profissionais e se suas práticas estão contribuindo para formação de leitores competentes.

3.4 Importância da leitura

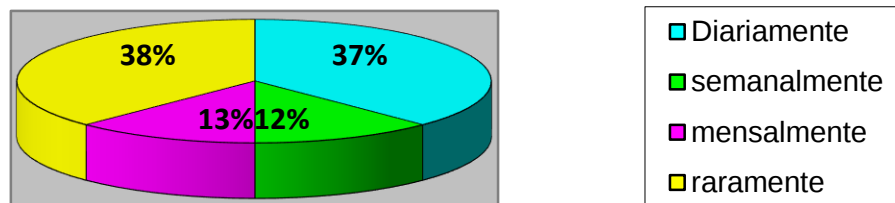
A respeito da importância da leitura literária para a formação de alunos leitores, todas as entrevistadas responderam que a leitura é importante para o desenvolvimento dos educandos. G comentou que a leitura é “a base da educação e são os primeiros passos necessários para o aprendizado do aluno”. B mencionou que, por tratar-se de uma atividade que envolve diversas formas de aprendizagem, lendo ou ouvindo histórias, o ser humano desenvolve bem suas habilidades leitoras. P1 afirmou que acredito que a leitura transforma o homem, por isso é importante incentivar desde cedo a criança fazer o uso da leitura, não como obrigação, mas para que ela sinta prazer e através da leitura possa imaginar e viajar em histórias fantásticas que encontramos nos livros de literatura infantil. E, finalmente, P2 colocou que acredito que somente pelo incentivo da leitura apresentando os gêneros textuais para os alunos, é que teremos futuros adultos críticos formadores de opiniões.

3.5 Impressões dos alunos da turma do 1º ano

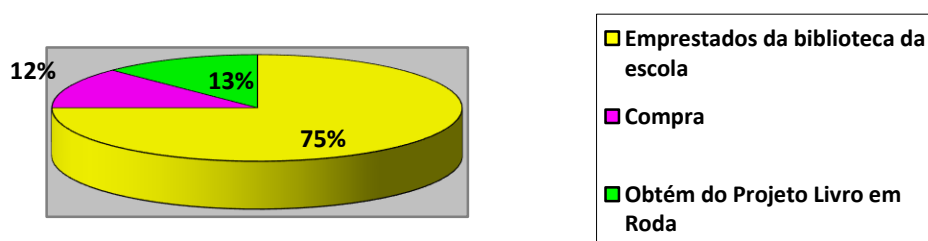
Os dados recolhidos da turma do 1º ano contendo oito alunos serão compartilhados a seguir.

Em relação ao hábito de leitura, cinco alunos responderam que o possuem e três alunos que não possuem o hábito de ler, confirmando, assim, que uma parcela menor, porém considerável, não pratica essa ação; fato muito grave que atrapalha o desenvolvimento educacional dos mesmos. Dos que responderam que não leem, 1 afirmou que ainda não aprendeu a ler, e os demais por falta de interesse mesmo.

Acerca da frequência de leitura, três responderam que leem diariamente, um semanalmente, um mensalmente e três raramente.



Sobre a origem dos livros, seis alunos responderam que pegam emprestado da biblioteca da escola, um aluno respondeu que adquire, através da compra, e um comentou que obtém emprestado do Projeto Livro em Roda. Essas respostas justificam a importância da biblioteca escolar e do Projeto que a escola tem com parceria com a ONG Associação Educativa Livro em Roda, como fontes de leitura, salientando também a dificuldade para o acesso aos livros, já que a escola está situada na zona rural e não tem outros meios de aquisição dos livros, como livrarias, jornaleiro, biblioteca pública.



Em relação à pergunta “Por que você lê?”, as respostas dos alunos foram diversas: um disse que lê para obter conhecimento, três para conhecer um mundo novo; um por obrigação; um porque gosta; e três para passar o tempo.

Sobre o quê os alunos costumam ler, sete citaram livros de historinhas infantis e apenas um citou quadrinhos. Acreditamos que esse dado se deu por

conta da falta de acessibilidade aos diversos gêneros textuais como já mencionamos, pois como a única fonte presente é o livro, os alunos ficam restritos a descobrir e desfrutar outras possibilidades de leitura, confirmando assim a limitação de leitura a qual estão sujeitos. Apesar das iniciativas da escola e da ONG, ainda é considerável o pouco o incentivo à leitura de uma maneira mais abrangente, múltipla, variada que contemple a diversidade de textos.

Em relação à questão metodológica de como a professora trabalha a leitura com os alunos, as respostas foram parecidas: a maioria disse que a educadora lê historinhas infantis, seguidas das atividades de leitura de vogais e do alfabeto.

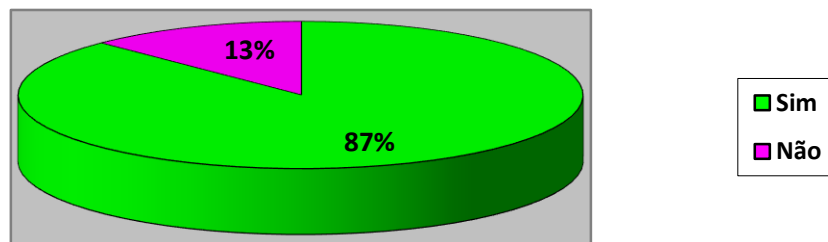
A respeito das dificuldades para a realização de leitura dentro da sala de aula e fora da escola, ou seja, em casa, os alunos responderam, unanimemente, que o maior empecilho para ler no interior da sala de aula é o barulho e que em casa as barreiras são a falta de livros (cinco alunos); a compreensão do que se lê (dois alunos), porque “ainda não sabem ler” de fato; e (um educando) disse que o maior empecilho é a falta de incentivo dos pais.

Observamos nas visitas para a realização dessa pesquisa que os alunos ainda estão num estágio de desenvolvimento em relação à leitura bem incipiente, pois quando fazíamos as perguntas eles tinham dificuldade para compreender o que estávamos indagando.

3.6 Impressões dos alunos da turma do 2º ano

Dando prosseguimento à análise, iremos apresentar o resultado das questões da pesquisa da turma do segundo ano, composta por 16 alunos.

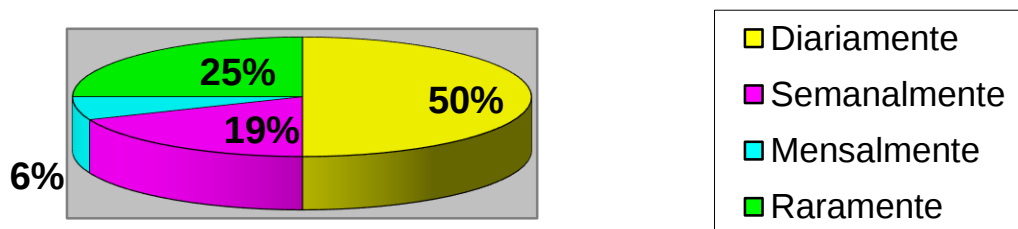
Em relação ao hábito de leitura:



Quatorze alunos responderam que sim e dois responderam que não possuem o hábito de leitura, por motivos diferentes. Um disse que é porque “não sabe ler” e o outro falou que “tem dificuldade de concentração”.

Observamos através das respostas dadas por aqueles que responderam que sim que a leitura é algo imprescindível para a aquisição do conhecimento. E, dos que responderam que não, que o hábito de leitura é algo massacrante pela dificuldade percebida no processo de leitura.

Acerca da pergunta “Com que frequência você lê”;



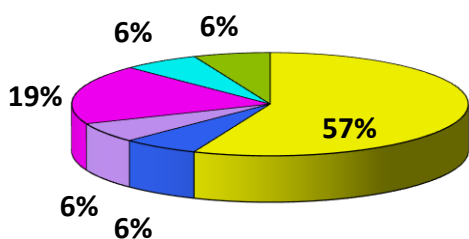
Percebemos que as respostas fornecidas pelos alunos são diversificadas, porém a maioria que lê diariamente é estimulada por projetos desenvolvidos na escola e por estímulo da família.

Em relação à pergunta “como você escolhe os livros que lê e de onde eles são adquiridos”, a maioria dos educandos respondeu que selecionam através das sugestões da bibliotecária e também pela influência do projeto Livro em Roda que proporciona uma variedade de exemplares para os alunos lerem.

Inerente à preferência e ao tipo de leitura que costumam realizar, foram dadas várias opções de respostas para os alunos: Livros, quadrinhos, revistas, jornais, em que livros e quadrinhos foram as alternativas mais citadas.

Suponhamos que esse resultado implica na falta de variedades de leitura e a aquisição de outras possibilidades de leitura, fruto da dificuldade ao acesso a outras fontes que possam proporcionar mais contato e uma visão mais abrangente da leitura.

Foi perguntado aos alunos por que vocês leem. As respostas foram diversas. Majoritariamente, os alunos responderam que leem porque gostam (9), outros disseram que leem para se manter informado (1); para conhecer um mundo novo de imaginação (3); para obter conhecimento (1), porque gosta de ouvir histórias e outros(1);



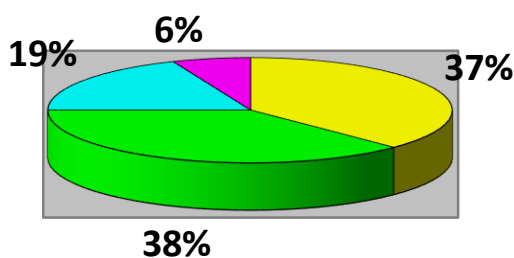
- Porque gosta
- Para se manter informado
- Para obter conhecimento
- Para conhecer um mundo novo de imaginação
- Porque gosta de ouvir histórias
- Outros

Na variedade das respostas dos alunos, uma nos chamou a atenção um deles nos afirmou que a mãe o obrigava a ler, ignorando totalmente a prática do estímulo, talvez pela ausência de conhecimento de uma didática mais atraente, impondo, assim, a sua autoridade e desprezando a sensibilidade do despertar do prazer de ler do educando.

Concernente à pergunta “se há espaço para a leitura em sala de aula e como o professor trabalha a leitura com os alunos”, todos responderam que sim e em relação à metodologia as respostas foram diversas, mais a que predominou foi a seleção de livros propostos em conjunto com professoras e alunos.

Percebemos que existe o cantinho de leitura dentro da sala de aula, contendo poucos livros, as quais a professora utiliza para ser trabalhado dentro e fora do contexto escolar, em parceria com a Associação Educativa do projeto Livro em Roda.

Foi indagado em relação “à dificuldade de leitura no interior da sala de aula e em casa, na escola’. Os alunos responderam que a principal dificuldade é o barulho; e, em casa, são vários os empecilhos para a realização da leitura, como a falta de livros (6); falta de incentivo dos pais (3); falta de compreensão do que se lê (6); outros (1).



- Falta de livros
- Falta de compreensão do que se lê
- Falta de incentivo dos pais
- Outros

Essas dificuldades apresentadas através de gráficos reforçam a ausência de suporte no desenvolvimento de projetos de leitura nas escolas em geral, por mais que existam programas que, supostamente, incentivem a formação de leitores competentes, ainda há uma vasta falta de investimentos e planejamentos que contemplem a integração do educando e suas famílias nesse contexto de conscientização que abrange a leitura, e nas consequências que a mesma proporciona, tornando o sujeito autônomo, crítico, participante e transformador de conhecimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que é necessária a implantação de novas concepções que estimulem o gosto pela leitura e a paixão pelos livros, que é um comportamento obtido no lar e na escola, pois a atuação dos pais, constantemente, nesse processo tem um efeito imenso na preservação dessa prática, sendo assim também uma das melhores maneiras de fortalecer o relacionamento dos mesmos (pais e filhos).

Compreende-se, também, que a literatura infantil desperta a criatividade do aluno, por isso se faz necessário um trabalho em sala de aula que promova essa dinâmica de abordagem com textos literários, provocando a vontade e o prazer pela leitura, tornando uma prática desafiadora, espontânea e satisfatória, tanto para os alunos, quanto para os professores.

Apontamos algumas hipóteses causadoras do afastamento da criança na prática da leitura:

O acesso a livros – A falta de acesso a livros ou a locais que proporcionem a leitura afastam um possível vínculo com prazer que a leitura promove, além da dificuldade da aquisição da compra, troca ou empréstimo de livros, limitando-se apenas à escola essa competência.

A atitude dos professores – A didática do professor em sala de aula é essencial para despertar nos alunos o prazer pela leitura tornando os mesmos leitores competentes e agentes transformadores de suas próprias histórias. O professor que não domina essa prática de uma sala de aula que abrange a leitura em suas variadas formas de trabalhar, é provável que seus alunos se sintam

desmotivados e incapazes de realizar atividades simples, como ler um cartaz na rua ou tirinhas em quadrinhos, que são algo mais atrativo quando se é criança.

Experiências negativas já vivenciadas – É necessária uma variedade de livros para que a criança desperte o prazer do ato de ler. A leitura imposta como obrigação veta uma fruição de elementos primordiais para que a prática da leitura seja realmente concretizada. A liberdade na escolha de textos e a motivação pela leitura faz com que os educandos se tornem mais motivados e capazes de se envolver nessa prática.

O ambiente onde vive – Nem sempre o ambiente onde a criança está inserida é propício para favorecer o hábito da leitura. A criança precisa de exemplos para ser seguidos e a falta de pais leitores inibe essa prática levando o educando a outras atividades menos instrutivas, como televisão, internet, vídeo game etc.

O contato com a leitura desde cedo traz benefícios para o educando durante seu processo de aprendizagem e no decorrer de sua vida, como, mais facilidade de aprender, maior habilidade de se comunicar falando e escrevendo, mais criatividade etc.

Finalizamos esse trabalho objetivando a importância de abordar a literatura infantil como forma prévia a formação dos alunos, introduzindo a leitura nas séries iniciais, de maneira a ser compartilhada no lar e na escola, tornando o indivíduo capaz de mudar sua própria realidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ismael Xavier de. **Educação do campo e a formação sociopolítica do educador/** Ismael Xavier de Araújo, Severino Bezerra da Silva- João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011. 100p.

CALDART, Roseli et al. **Caminhos para transformação da Escola: reflexões desde práticas da licenciatura em educação do campo.** 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

Comenius, **Orbis Sensualium Pictus** (1658)

COSSON, Rildo **Letramento literário: teoria e prática/** Rildo Cosson. -2. Ed., 3ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2014.

GREGORIN, Filho in org. **Literatura infantil em gêneros/** São Paulo: Editora Mundo Mirin, 2012.160 p.

REVISTA ESCOLA, (2015) Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/pesquisa-revela-aumento-indice-leitura-criancas-450085.shtml> . Acesso: 05 novembro de 2014.

MACHADO, Ana Maria setembro de 2001. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/literatura-deve-dar-prazer-423594.shtml>. Acesso: em 12 fevereiro de 2015.

LUANA CASTRO, 2014 Disponível em: <http://www.brasilecola.com/literatura/historia-dos-contos-fadas.htm>. Acesso em: 20 janeiro de 2015.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso ensinar o letramento/** Ministério da educação-2005.

KOCH, Ingedore Villaça **Ler e compreender: os sentidos do texto/** Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias. – São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL. Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm. Acesso em 05 fevereiro 2015.

PCN (1997), Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf> Acesso: em 12 de janeiro de 2015.

SOARES, Magda **Alfabetização e letramento/** Magda Soares. 3 ed.- São Paulo: Contexto. 2005.

SOLÉ, Isabel **Estratégias de Leitura/** Isabel Solé; trad. Claudia Schilling-6. Ed. - Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS

1-Você tem o hábito de leitura?

() sim

() não

2- Se respondeu NÃO, qual (ais) a(s) razão (ões)?

() Não gosto de ler

() Tenho dificuldade de concentração

() Os livros são muito caros

() outros _____

3- Com que frequência você lê?

() Diariamente

- ☐ Semanalmente
- ☐ Mensalmente
- ☐ Anualmente
- ☐ Raramente

4- Como você escolhe os livros que lê?

- ☐ Dica de amigos
- ☐ Dica dos pais
- ☐ Dica dos professores
- ☐ Dica dos bibliotecários
- ☐ Dica do vendedor da livraria
- ☐ Outros _____

5- Qual a origem dos livros que você lê?

- ☐ Emprestados da biblioteca escolar
- ☐ Da biblioteca pessoal dos pais ou responsáveis
- ☐ Emprestados por amigos
- ☐ Comprados
- ☐ Outros _____

6- Por que você lê?

- () Para me manter informado
- () Porque gosto
- () Por obrigação, a professora pede
- () Para passar o tempo
- () Para obter conhecimento
- () Para conhecer um mundo novo, de imaginação, fantasia
- () Outros _____

7-O que você costuma ler?

- () Livros
- () Quadrinhos
- () Revistas
- () Jornais
- () Outros _____

8-Há o espaço para leitura em sala de aula?

- () Sim
- () Não

9-Se sim, como o professor (a) trabalha a leitura com os alunos (as)?

10- Quais as dificuldades para a realização da leitura dentro da sala de aula?

- () Barulho
- () Falta de interesse
- () Falta de incentivo do professor (a)
- () Outros _____

11- Quais as dificuldades para realização da leitura fora da escola, em casa?

- ☐ Falta de incentivo dos pais
- ☐ Falta de compreensão do que se lê
- ☐ Falta de livros
- ☐ Outros_____

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORAS

1-Você tem o hábito de leitura?

- ☐ sim
- ☐ não

2- Se respondeu NÃO, qual (ais) a(s) razão (ões)?

- ☐ Não gosto de ler
- ☐ Tenho dificuldade de concentração
- ☐ Os livros são muito caros
- ☐ outros_____

3- Com que frequência você ler?

- ☐ Diariamente
- ☐ Semanalmente

☐ Mensalmente

☐ Anualmente

☐ Raramente

4- Como você escolhe os livros que ler?

☐ Dica de amigos

☐ Dica dos professores

☐ Dica dos bibliotecários

☐ Dica do vendedor da livraria

☐ Outros_____

5- Qual a origem dos livros que você ler?

☐ Empréstados da biblioteca escolar

☐ Da biblioteca pessoal

☐ Empréstados por amigos

☐ Comprados

☐ Outros_____

6- Por que você ler?

☐ Para me manter informado

- ☐ () Porque gosto
- ☐ () Por obrigação,a profissão pede
- ☐ () Para passar o tempo
- ☐ () Para obter conhecimento
- ☐ () Para conhecer um mundo novo, de imaginação, fantasia
- ☐ () Outros _____

8- Há momentos na sala de aula destinados para a leitura literária?

- ☐ () sim
- ☐ () não

9- Além do livro didático, quais as formas de leitura apresentadas em sala de aula para os alunos?

- ☐ () Livros literários
- ☐ () Quadrinhos
- ☐ () Revistas
- ☐ () Jornais
- ☐ () Outros_____

10-Há algum projeto de leitura ou canto de leitura na sala, na escola?

- ☐ () sim
- ☐ () não

11-Existe biblioteca na escola?

- ☐ () sim
- ☐ () não

12-Se existe, os livros são emprestados para os alunos levarem para casa para ler?

- ☐ sim
- ☐ não

13-Quais os procedimentos, as metodologias para o ensino aprendizagem de leitura literária?

- ☐ Conto e reconto de histórias
- ☐ Produção coletiva de histórias e poemas
- ☐ Livre escolha de texto pelos alunos
- ☐ Outros_____

14- Quais as dificuldades que você enfrenta para ler e promover a leitura aos seus alunos?

- ☐ Falta de material disponível
- ☐ Falta do hábito de leitura na família
- ☐ Falta de interesse por parte do aluno
- ☐ Outros_____

15- Você considera importante a Leitura Literária para a formação de alunos leitores?

- ☐ Sim
- ☐ Não



